

# NOTAS PARA UMA HISTÓRIA DO ESCOTISMO NO BRASIL: A “PSICOLOGIA ESCOTEIRA” E A TEORIA DO CARÁTER COMO PEDAGOGIA DE CIVISMO (1914-1937)

Judith Zuquim  
Roney Cytrynowicz<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa estuda a recepção do escotismo no país, tendo como ênfase a trajetória inicial desse movimento até ser introduzido no sistema escolar público, principalmente em São Paulo, constituindo uma particular teoria psicológica do caráter afirmada como pedagogia de civismo. Se na Inglaterra o escotismo foi organizado para lidar com o que se considerava a fraqueza no caráter de crianças e jovens e para mobilizá-los frente as insurreições anti-coloniais e diante da mobilização civil instituída com a Primeira Grande Guerra, no Brasil o escotismo era incentivado pela Liga de Defesa Nacional, e sua difusão esteve estreitamente associada ao sistema escolar público

republicano, que via no movimento um “método pedagógico” que representaria uma “escola primária de civismo”, nos anos 20 e 30, em que discutia-se intensamente como “fortalecer a nação” e organizar o Estado. Esta concepção levaria o Estado Novo a adotar o escotismo como modelo para sua Juventude Brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** história da psicologia, história da educação, escotismo, Estado Novo

---

<sup>1</sup> Judith Zuquim é historiadora, doutora pelo Instituto de Psicologia da USP e pesquisadora no Grupo de Estudos de História da Psicologia Aplicada à Infância, vinculado ao departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do mesmo Instituto.

Roney Cytrynowicz é historiador, doutor em História pela FFLCH da USP e autor de *Guerra sem guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. Edusp / Geração Editorial, 2000.

THE "SCOUTING PSYCHOLOGY" IN BRAZIL: A THEORY OF CHARACTER  
AS A CIVILIANSHIP PEDAGOGY (1914-1937)

ABSTRACT

This work is based on research concerning the reception of "scouting" in Brazil, having as its emphasis the initial route of this movement until it was largely introduced via the state school system, constituted a specific form of civilianship pedagogy. Where as in England scouting was organised to deal with what was considered to be a weakness of youth and to mobilise them against the anti-colonial insurrections and as part of the mobilisation instituted during the First War, in Brazil scouting had its incentive in the "Liga de Defesa Nacional", and its diffusion was associated with the school system, that saw in

the movement a "primary school of civilianship". For supporters of the need to reinforce national pride, strenghten the character was the key to realising a patriotic destiny. This conception caused the "Estado Novo" to adopt scouting as a model for its "Juventude Brasileira", a movement that can be ideologically identified with Balilla and Hitler Youth.

KEY WORDS: development of psychology, development of education, scouting

Este artigo analisa a recepção do escotismo no Brasil a partir dos anos 10, tendo como ênfase a apropriação, por parte do movimento escoteiro, de diferentes teorias e formulações sobre as passagens da infância à adolescência e como, por meio desta apropriação, o escotismo foi introduzido no sistema escolar público em São Paulo, constituindo um "método pedagógico" que representaria uma "escola primária de civismo". Este processo percorreu as décadas de 20 e 30, até o movimento

ser incorporado às propostas estadonovistas para a infância e juventude. O artigo formula estas hipóteses a partir de pesquisa em documentação primária oficial do escotismo e do sistema escolar da Primeira Republica Brasileira, além do exame da produção intelectual de teóricos da psicologia, da pedagogia e dos movimentos nacionalistas do período.

O escotismo é um fenômeno social que tem sido menosprezado pela historiografia brasileira, apesar de sua forte

presença em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Deve-se salientar que o movimento configurou-se antes da Revolução de 1930, que levou ao poder Getúlio Vargas, e tem sido considerada pela historiografia como marco de movimentos de organização e de mobilização de crianças e de jovens.<sup>2</sup> O escotismo, enquanto pedagogia de civismo, condensou diversas vertentes de movimentos de intervenção extra-escolar na educação de crianças e jovens desde o século 19, que enfatizavam a insuficiência da escola na formação de “caráter” e a necessidade de constituição de uma nacionalidade “forte”. Para os formuladores da necessidade de reforço da nacionalidade, robustecer o caráter de crianças e jovens seria a chave para realizar um grandioso destino pátrio. Essa concepção levaria o Estado Novo (1937-45) a adotar o escotismo como modelo para sua Juventude Brasileira, como fez Mussolini em 1927, ao incorporar os escoteiros italianos à sua organização estatal, a *Balilla*.<sup>3</sup>

### EXERCITANDO O CARÁTER

O termo “caráter” — central no ideário do escotismo — tem uma sinuosa trajetória de mudanças de significado, até afirmar-se como categoria científica. A partir do significado mais geral de reputação, o termo foi se transformando

em um condensado de qualidades intrínsecas, com conotações de solidez e valor que um indivíduo deveria ter desde a infância. Por volta de 1800, “caráter” passou a ser entendido como uma configuração de qualidades morais gradualmente moldadas em cada pessoa. Segundo o historiador da psicologia Kurt Danziger, caráter diferenciava-se de temperamento, termo que tinha uma longa história de uso no contexto da medicina. A diferença estava em certas conotações morais, que traziam desconforto na utilização do termo por homens de ciência.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Sobre o Estado Novo, uma bibliografia básica é: SCHWARTZMAN, SIMON (org.). *Estado Novo, um Auto-Retrato (Arquivo Gustavo Capanema)*. Brasília: Editora UNB, 1982; LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papius, 1986; CAPELATO, Maria Helena. *Os Arousos do Liberalismo: Imprensa Paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1988; GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994 e GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV / Universidade São Francisco, 2000.

<sup>3</sup> O projeto inicial de criação de uma Organização Nacional da Juventude — ONJ, definido em 1938 no Ministério da Justiça, na gestão de Francisco Campos, inspirava-se claramente em modelos fascistas, e tinha por objetivo formar uma organização paramilitar de mobilização que incluía um setor de aspirantes, de 8 a 13 anos, e outro de pioneiros, de 13 a 18 anos. Em outubro de 1938, foi elaborado um projeto de regulamento administrativo, prevendo a incorporação e submissão imediatas de instituições como associações, ligas e clubes esportivos, à Organização da Juventude, além do “escoteirismo” e centros culturais ou sociedades religiosas. Cf. SCHWARTZMAN et al. *Tempos de Capanema*.

<sup>4</sup> DANZIGER. *Naming the mind. How psychology found its language*. Em especial capítulo intitulado “Motivation and Personality”.

No início do século 20, contudo, o termo passa a ganhar terreno nos movimentos que propunham uma intervenção justamente na formação do caráter de crianças e jovens. Os idealizadores desses movimentos buscaram idéias em certa psicologia preocupada com as passagens entre as "eras" da vida individual para construir o que viria a ser um método para "formação de caráter" a partir da infância, principalmente por meio da manipulação e do controle daquilo que nomeavam "instintos". Tal método era fundamentalmente inspirado na psicologia praticada por G. Stanley Hall (1844-1924), pesquisador que, após estudos com psicofisiólogos na Alemanha, transformou uma universidade americana em um laboratório para estudos sobre a infância. Em um esforço para formular o que seria "natural" em cada estágio de desenvolvimento infantil, na virada do século ele aplicou seus métodos a jovens e publicou um livro intitulado *Adolescência* [*Adolescence, its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education* — *Adolescência, sua psicologia e suas relações com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação*], defendendo a idéia de que este era o período na vida individual correspondente à época entre a selvageria e a civilização.

O argumento — a recapitulação (que via paralelismo no desenvolvimento do indivíduo, evolução da espécie e "etapas civilizatórias") — não era inédito nem recente, mas a novidade estava na formulação de um programa de normas e procedimentos para o desenvolvimento correto da infância. Cada novo estágio de desenvolvimento, na visão de Hall, começava com uma infusão maciça de novos instintos. De seis a sete anos era um período de crise, seguido por um período de oito a doze anos, em que o menino seria pouco imaginativo e menos emocional. Depois, após um novo nascimento virtual, emergia o adolescente, que ele comparava ao homem antigo e medieval — visto como imaginativo, emocional, capaz de idealismo e participação na vida em comunidade, mas não completamente moderno. Os primeiros *Handbook of Scout Masters* [*Guias de Chefes Escoteiros*], baseando-se nas teorias de recapitulação revividas em Hall,<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Nas décadas seguintes, o escotismo foi aos poucos incorporando novas idéias da psicologia do desenvolvimento, e fazendo certos reajustes nos programas. As idéias de Freud, Watson e Dewey, de maneiras diversas, enfatizaram o potencial perturbador dos acontecimentos prévios à adolescência. A reputação de Hall foi abalada e sua ênfase no período da adolescência foi combatida por outras propostas, como a que defendia a idéia de que formar caráter significava formar hábitos, já implícito no trabalho com jovens, mas agora com verniz científico de outra ordem. Houve ainda projetos de se implementar o programa escoteiro com base na teoria do psicólogo social G. H. Mead,

utilizavam sua seqüência de desenvolvimento e propunham, a partir daí, atividades específicas para cada idade.

No caso do Brasil, é interessante ressaltar que as idéias de Hall também tiveram alguma penetração entre os criminalistas do primeiro quartel do século 20,<sup>6</sup> um dos principais campos onde se discutia as vantagens de uma psicologia classificatória. O jurista Evaristo de Moraes, ao publicar em 1914 *Criminalidade da infância e da adolescência*, fazia referência a Hall para salientar o irromper da puberdade como causador de mudanças sensíveis no organismo, mudanças essas que refletiriam nos atos bons e maus do que chamava “criatura humana”. E reafirmava que a “sciencia psychologica” fornecia explicações dignas de atenção aos criminalistas.<sup>7</sup> A intervenção na formação do caráter, portanto, era também considerada do ponto de vista da prevenção do mau caminho.

O escotismo derivou diretamente de idéias como estas seu protocolo ideológico, expresso organizacionalmente em uma estratificação etária de grupos. A simetria entre esta psicologia e o escotismo, que teve também outras referências em sua formulação inicial, como os movimentos Woodcraft Indians, fundado pelo naturalista americano Ernst Thompson Seton, e a obra *The law of the*

*jungle [A lei da selva]*, de Rudyard Kipling,<sup>8</sup> também pode ser analisada a partir das propostas do ideário de Baden Powell, o fundador do escotismo, para edificar sua “fábrica de caráter”, como ele mesmo chamava o escotismo: good environment, sense of duty, self-discipline, responsibility, resourcefulness, handicrafts, God through nature study, religion in practice, fair play, helpfulness to others, personal service for the country

---

que descrevia o fortalecimento do caráter como um jogo iniciado na infância entre a criança e o ambiente. De qualquer forma, os líderes do movimento escoteiro deixaram de lado o apelo carismático de Baden Powell e se voltaram para os especialistas. Essa análise é realizada pelos analistas do movimento escoteiro nos ELA citados neste artigo.

<sup>6</sup> Tal filiação teórica é compreensível, pois, segundo Hall, das fileiras do exército de desclassificados saíram muitos dos criminosos precoces. Assim, propunha que uma observação médico-pedagógica deveria “distinguir os colegiais normalmente vadios ou preguiçosos dos que a psicologia mórbida chama de difíceis, que constituem a classe mais numerosa dos anormais”. Nessa visão, a escola seria uma faca de dois gumes: quando não constituísse um freio moral, seria uma espécie de estimulante intelectual, um “apetitivo mental”. Conforme HALL. *Aspectos of child life and education*, cuja primeira edição é de 1907.

<sup>7</sup> MORAES. *Criminalidade da infância e da adolescência*. Sobre categorias psicológicas no discurso jurídico ver ZUQUIM. *Infância e crime na história da psicologia no Brasil: um estudo de categorias psicológicas na construção histórica da infância criminalizada na Primeira República*.

<sup>8</sup> É possível afirmar que Baden Powell criou o juramento escoteiro a partir do livro de Kipling, que em seu último trecho afirmava: “Now these are the Laws of the Jungle, and many and mighty are they; But the head and the hoof of the Law and the haunch and hump is... Obey!” Cf. ROSENTHAL. *The character factory. Baden Powell and the origins of the Boy Scout movement*.

[bom ambiente, senso de dever, auto-disciplina, responsabilidade, engenhosidade, habilidade manual, chegar a Deus através do estudo da natureza, prática da religião, equidade, ser prestativo, servir pessoalmente ao país]. Esses seriam os métodos de controle e procedimentos específicos para a passagem do estado de selvageria para o de civilização, temas centrais da educação e da psicologia escoteira que estariam condensados no juramento e na lei escoteiros:<sup>9</sup>

### O JURAMENTO ESCOTEIRO [THE SCOUTS'S OATH]

On my honour I promise that... [Pela minha honra eu prometo que...]

1. I will do my duty to God and the King [Farei meu dever para com Deus e o Rei]
2. I will do my best to help others, whatever its costs me [Farei o melhor de mim para ajudar outros, não importa o que me custe]
3. I know the scout law, and will obey it. [Conheço a lei escoteira, e vou obedecê-la]

### A LEI ESCOTEIRA [THE SCOUT LAW]

1. A Scouts's honour is to be trusted [A honra do escoteiro é para ser confiada]
2. A Scout is loyal [Um escoteiro é leal]
3. A Scout's duty is to be useful and to

help others [O dever de um escoteiro é para ser útil e ajudar os outros]

4. A Scout is a friend to all, and a brother to every other scout, no matter to what social class the other belongs [Um escoteiro é um amigo para todos, e um irmão para qualquer outro escoteiro, não importa a qual classe social o outro pertença]

5. A Scout is courteous [Um escoteiro é cortês]

6. A Scout is a friend to animals [Um escoteiro é um amigo dos animais]

7. A Scout obey orders [Um escoteiro obedece a ordens]

8. A Scout smiles and whistles under all circumstances [Um escoteiro sorri e assobia sob quaisquer circunstâncias]

9. A Scout is thrifty [Um escoteiro é frugal]

10. Em paralelo aos dez mandamentos, três anos depois Baden Powell acrescentou um décimo item à lei escoteira: "A Scout is pure in thought, word and deed" [Um escoteiro é puro em pensamento, palavra e ação]

<sup>9</sup> Esta versão é a que aparece na primeira edição do *Scouting for Boys* (1908). Cf. ROSENTHAL. *The character factory. Baden Powell and the origins of the Boy Scout movement*, p.109-110.

## O SCOUTISMO

O escotismo, enquanto movimento, foi configurado por Baden Powell (1857-1941), general inglês que se tornou herói de guerra em seu país após resistir ao exército Boer na cidade de Mafeking, África do Sul. Seu envolvimento direto no trabalho com jovens começou quando a Boy's Brigade convidou-o para inspecionar paradas. Baden Powell achou o exercício mecânico demais e concluiu que afugentava os meninos. Decidiu então elaborar um folheto suplementar para as Brigadas baseado no *Aids to scouting*, pequeno livro anedótico publicado em 1899 a partir de sua experiência no exército, repleto de jogos de treinamento, que deveriam “reforçar o caráter” dos recrutados. As Brigadas, um movimento que tinha em sua base uma explícita filiação religiosa, incluindo aulas de religião, ao lado do treinamento militar, não receberam com muito entusiasmo o projeto de Baden Powell, e isso levou-o a considerar um programa totalmente independente.

Um encontro com Ernest Thompson Seton (1860-1946), criador do Woodcraft Indians, iniciado em 1902 e um dos precursores do escotismo, sugeriu algumas formas de propor atividades mais dinâmicas. Seton acreditava que muitos americanos estavam em “franco processo de degeneração, imersos em falsos ideais

e frouxidão moral” e culpava o crescimento urbano, a industrialização e as competições esportivas espetaculares, que transformavam a juventude em “um bando de fumadores de cigarros, com *shaky nerves e doubtful vitality* [nervos *débets e vitalidade duvidosa*].”<sup>10</sup> Seton ficara famoso como escritor de histórias de animais e defendia a vida selvagem para escapar do utilitarismo da sociedade moderna.

Em maio de 1907, Baden Powell publicou um folheto no qual expunha um programa de disciplina, observação, saúde, patriotismo, cavalheirismo e salvamento. O folheto também sugeria que os meninos deveriam ser organizados em unidades *for scouting*: seis ou mais para uma patrulha sob o comando de um líder, e quatro ou mais patrulhas sob o comando de um adulto *Scoutmaster*. Um acampamento experimental em 1907 demonstrou que, apesar de seus propósitos, *scouting* também forneceria divertimento aos meninos. Baden Powell proporcionava uma vivência atraente com prática de jogos, seguindo o exemplo de Seton, e à noite reuniam-se todos em volta do fogo, quando ele contava histórias e dançava ao som de canções africanas.

<sup>10</sup> Cf. MACLEOD. *Building character in the american boy. The Boy Scouts, YMCA, and their forerunners, 1870-1920*, p.32.

Essas práticas e rituais vão se tornar centrais no escotismo, tornando comum que se sobreponha os fundamentos conceituais da psicologia escoteira à organização e aos rituais do movimento. Originalmente, a palavra *scout* tem os sentidos de explorar, reconhecer, observar, descobrir, patrulhar, vigiar, espionar; *to scouting*, portanto, envolve uma combinação destas tarefas, condensadas em uma nova atitude e consubstanciadas em um novo movimento. No Brasil, a palavra inglesa foi adaptada de início, *scoutismo*, até ser vertida para escotismo. O escotismo surgiu em uma época em que brincadeiras e jogos adquiriram um novo significado para os educadores. A recreação tornou-se uma ferramenta a mais na formação do caráter, o que refletia não apenas novos modelos pedagógicos mas também novas atitudes em relação ao brincar e jogar. Também teorias evolucionistas tornaram-se populares na virada do século e legitimaram o jogo e o brincar, colocando-os na forma de uma recapitulação do trabalho primitivo, visto como mais lúdico, em consonância com as teorias de Hall. Nessa transformação, a brincadeira passou a ser concebida como o próprio trabalho (civilizatório) da criança, proporcionando “benefícios morais”, desde que sob supervisão adequada de especialistas. Tanto o trabalho como a escola eram impostos, enquanto as crianças brincavam livres com

seus instintos. Então, se a moralidade era uma questão de intenção livre, brincar poderia ser o melhor lugar para a educação moral.

Para os educadores, caráter seria o resultado do equilíbrio entre força (mental e física) e virtude (social e religiosa). A lógica era baseada em uma psicologia não experimental, que concebia a mente como sendo composta por várias faculdades: intelecto, memória, emoção, vontade e, algumas vezes, consciência. As faculdades, por sua vez, compreendiam várias capacidades isoladas, como memória, atenção, observação e dedução. Como educadores, os formadores de caráter acreditavam que tais capacidades poderiam ser melhoradas por meio de exercícios. O caráter seria um desenvolvimento equilibrado dessas capacidades, e deveria ser exercitado. Para Baden Powell, caráter era um conjunto de faculdades que poderia e deveria ser fortalecido. O objetivo final era transformar essas faculdades em hábitos, sedimentando o caráter.

O mote principal de Baden Powell, “Be prepared” (sempre pronto ou sempre preparado, e que ficou conhecido em português como “sempre alerta”), traz essa visão de caráter como prontidão potencial e disponibilidade permanente para o ato. Nos Estados Unidos, desde os anos 1870 várias instituições formadoras

de caráter surgiram, até a formalização do movimento escoteiro no início do século.<sup>11</sup> Na verdade, o *Boy Scouts* foi a última de uma série de experiências que remontam à segunda metade do século 19. O movimento baseava-se em um programa padronizado, associado a uma estratégia de replicação em pequenas unidades supervisionadas por uma burocracia centralizadora, e constituía um forte apelo ideológico para a classe média. O ideário básico podia ser facilmente assimilado por indivíduos com formação educacional mediana, que tinham no escotismo talvez uma chance única de chefiar grupos e se tornar líderes na formação de crianças e jovens de seu grupo social. Além disso, disciplina, moderação, lealdade e obediência, entre outros valores, eram excepcionalmente adequados às famílias e organizações sociais das classes médias.

Pesquisadores da história do escotismo nos EUA consideram que o movimento nunca teria se estabelecido tão rapidamente a não ser entre um público que já estivesse familiarizado com programas de formação de caráter. Combinando novas idéias da psicologia preocupada com as passagens entre infância e adolescência e dinâmicos métodos organizacionais, os propagadores do movimento escoteiro construíram organizações e recrutaram voluntários

adultos e multidões de meninos. Nos Estados Unidos, essas instituições formadoras de caráter cresceram em resposta às preocupações de uma classe média e prosperaram porque expressavam valores e preocupações dessa classe.<sup>12</sup>

O período de maior difusão do escotismo, a partir dos anos 1920, no entre-guerras, foi marcado por intensas transformações urbanas, industrialização maciça, tensões sociais, culturais e políticas, vividas entre dois pólos que mobilizavam amplos setores sociais: a revolução comunista e os movimentos fascistas. O escotismo endossava uma nostalgia romântica que criticava o que considerava como a corrupção do caráter causada pela vida urbana e enaltecia a vida no campo como um ideal para a correta formação equilibrada entre corpo e espírito. Entretanto, é preciso ressaltar que, embora de certa matriz identificada com o conservadorismo, o escotismo é peculiar em sua configuração ideológica, compartilhando, inclusive, valores e ideais (no que se refere à organização de jovens) com movimentos do espectro socialista e comunista.

<sup>11</sup> Sobre os movimentos precursoros do escotismo nos EUA ver MACLEOD, David. *Building character in the american boy. The Boy Scouts, YMCA, and their forerunners, 1870-1920.*

<sup>12</sup> ROSENTHAL. *The character factory. Baden Powell and the origins of the Boy Scout movement.*

## BATALHÕES ESCOLARES NO BRASIL

A chegada do "scoutismo" — como se escrevia na época — ao Brasil ocorreu a partir dos anos 1910, logo após sua consolidação enquanto movimento na Inglaterra. No Rio de Janeiro e em São Paulo, o escotismo foi incentivado pela Liga de Defesa Nacional, criada por Olavo Bilac, em 1916, com a finalidade de desenvolver o civismo, manter a idéia de coesão e integridade nacional, difundir a instrução militar e o culto ao heroísmo pátrio. A Liga de Defesa Nacional tinha ainda entre seus objetivos fundar associações de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos, além de promover o ensino de português nas escolas criadas e freqüentadas por imigrantes. Logo foi fundada também a Liga Nacionalista de São Paulo, que tinha o mesmo ideário e chegou a criar seis escolas em São Paulo, para doutrinação de trabalhadores no combate ao anarquismo, então um movimento de forte expressão operária conhecido como anarco-sindicalismo.

A difusão do escotismo em São Paulo e no Rio de Janeiro a partir do início dos anos 10 esteve estreitamente associada ao sistema escolar público, que via no movimento um "método pedagógico" que poderia ser utilizado de modo complementar nas escolas. Desde então, o escotismo ganhou importância, legitimidade e reconhecimento oficial.

Excursões de escoteiros para cidades do interior — possibilidades únicas para milhares de crianças e jovens viajarem pelo Brasil como novos "bandeirantes" — eram eventos noticiados na imprensa e que causavam repercussão pública. Em cada cidade, os grupos eram recebidos pelas autoridades locais e alojados em alguma instituição pública, geralmente em escolas.

Em 1921, um decreto regulamentou "o escotismo e a linha de tiro" nas escolas de São Paulo.<sup>13</sup> O diretor geral da Instrução Pública, Guilherme Kuhlmann, determinou a adoção dos uniformes dos escoteiros como uniformes escolares: blusa e calça curta de brim "kaky" e chapéu de abas largas, além do lenço e das meias pretas. A não diferenciação hierárquica existente no interior do grupo escoteiro concretizaria os ideais da igualdade republicana, segundo os que defendiam a ampla utilização do escotismo.

Ao final da década de 1920, o movimento já assumia assim uma diretriz nitidamente ligada ao sistema público de ensino, entendido pelos educadores como uma "escola primária de civismo". Segundo registros oficiais, considerando apenas as escolas públicas do Estado de São Paulo, o número de escoteiros em 1928 era de 15.700, e o governo tomava

<sup>13</sup> *Índice Básico da Legislação do Ensino Paulista 1890-1945*

medidas para integração permanente com as escolas primárias.<sup>14</sup>

Por outro lado, a vinculação do escotismo com o sistema público de ensino provocou alguma reação em certos setores do movimento escoteiro ainda no início dos anos 20. Havia grupos que achavam que o escotismo não deveria ser vinculado tão completamente à escola, para se manter como movimento independente e não institucionalizado pelo Estado. Uma crítica a esta apropriação foi publicada na revista *O Escoteiro*, de fevereiro de 1922, considerando que certos métodos escolares tradicionais, como a ênfase em decorar, fariam o escotismo “degenerar em batalhões escolares”. As escolas eram vistas como “fracas e sem os mesmos ideais: de formar energicamente o caráter dos jovens”. É provável que essa reação tenha se amainado conforme certas idéias da Escola Nova, que colocava a criança no centro do método pedagógico e enfatizava trabalhos manuais e atividades em grupo, ganhavam terreno.

Um dos grandes incentivadores do escotismo em São Paulo foi Sampaio Dória, que em 1914 havia defendido tese para a cadeira de psicologia, pedagogia, educação cívica na Escola Normal de São Paulo. A tese era intitulada *O carácter e a mocidade: o carácter em psicologia, em pedagogia e em educação cívica*.<sup>15</sup>

A dissertação versava sobre o mecanismo psíquico do carácter e sua formação na mocidade. Segundo ele, em psicologia não há um caráter, mas caracteres: “Sob esse aspecto, caráter é tudo o que caracteriza uma pessoa: suas idéias, seus sentimentos, suas disposições individuais. É o que em lógica se chama os próprios, as qualidades individuantes.”<sup>16</sup> Sampaio Dória supunha que era possível gerar um bom caráter em meninos e moços, e procura demonstrá-lo a partir de três pontos na “evolução da alma infantil”: a plasticidade decrescente do sistema nervoso, a coexistência de instintos contrários e a sua sucessão recapitulativa da evolução racial.<sup>17</sup> Segundo ele, a plasticidade nervosa vai diminuindo do berço à velhice. Seria preciso, portanto, aproveitar a plasticidade nervosa enquanto não se perder a frescura. Nesta lógica, as crianças têm inclinações boas e más; portanto, é preciso fixar as boas inclinações e atrofiar as más por inação. Os instintos que se forem realizando vão adquirindo a estrutura nervosa dos

<sup>14</sup> Cf. DIRETORIA GERAL de Instrução Pública. *Relatório apresentado ao Excm. Sr. Dr. Fábio de Sá Barreto, Secretário do Interior, pelo Diretor Geral de Instrução Pública, 1927-1928.*

<sup>15</sup> DÓRIA. *Princípios de Pedagogia. Ensaios.*

<sup>16</sup> DÓRIA. *O carácter e a mocidade: o carácter em psicologia, em pedagogia e em educação física*, p.6.

<sup>17</sup> DÓRIA. *O carácter e a mocidade: o carácter em psicologia, em pedagogia e em educação física*, p.37.

hábitos, que, por sua vez, neutralizarão os instintos contrários. Satisfeitos os instintos bons, obtida a sistematização harmônica das tendências, nesta quadra única de maleabilidade nervosa, o hábito do bem se firma. Era preciso também desenvolver a faculdade do esforço na formação do caráter. Segundo ele, a receita era simples e eficaz: submeta-se cada vontade a um exercício sem proveito, pratiquem-se atos, ou fique-se inativo, só porque, na hora, se apetecia o contrário. Para ele, o caráter seria a glorificação da natureza, compreendida e melhorada, e que desembocaria no caráter político, que constituía as qualidades cívicas de um homem: a equação estável de sua ação pública com os seus princípios cívicos e políticos. O caráter passa então a ter uma função pública, traduzido em qualidades cívicas. Uma teoria do caráter passa a ter estatuto de pedagogia do civismo.

Alguns anos depois, Sampaio Doria diria que “o problema da educação moral das multidões só é enigma para os que desertam a ciência. Já de muito, ele encontrou a sua decifração prática”, conforme editorial da revista *O Escoteiro*, de janeiro de 1922, sobre a adoção oficial do escotismo. O escotismo era considerado, assim, um desdobramento natural do avanço da ciência para resolver o desafio — então considerado um problema e uma necessidade imperiosa pelas elites — de controlar e educar as

multidões urbanas e mobilizá-las para longe dos movimentos revolucionários. Esta foi uma das respostas ao que se considera o início da era das massas, uma problemática colocada pelas elites para o pensamento político e os partidos a partir da década de 20, como opção à Revolução Russa, ao comunismo e às democracias liberais. No Brasil, esta questão colocava-se nas décadas de 1920 e 1930, em que se discutia a organização do Estado e sua estrutura burocrática.

A transição de uma psicologia do caráter para a formulação propriamente dita do escotismo enquanto psicologia escoteira pode ser observada neste trecho de Sampaio Doria: “O erro que vem sendo cometido é tentar a educação moral só com o ensino do bem e do mal”, constituindo “mera preparação da inteligência e dos sentimentos”, porque não obriga a cumprir, mas apenas ensina o certo e o errado:

a essência da educação moral e cívica é o hábito da ação, é o hábito de cumprir, intransigentemente, os deveres (...). Começar pelos preceitos abstratos, em vez dos hábitos de ação, que os concretize, é a contravenção, o crime, a impenitência da rotina, a falência fraudulenta do ensino (...). O escotismo é a escola do hábito. Nela, as crianças não fogem à influência sadia da natureza. Nenhuma idéia do

dever lhe deitam no cérebro, sem a imediata realização prática e sistemática. É o grande segredo da educação do caráter.<sup>18</sup>

Para o articulista, o escotismo tinha o ideal de bastar-se a si mesmo, do próprio aperfeiçoamento moral, sendo que as três qualidades supremas do homem seriam a dignidade, a piedade e a probidade.

Outros artigos na revista *O Escoteiro* discutiam ainda a questão do serviço militar e recusavam a identificação do escotismo com o militarismo. "O ideal é que para a defesa da Pátria e das instituições, se preparem todos os brasileiros", diz um texto. O escotismo poderia ser uma preparação juvenil para o exército. A idéia era formar homens de caráter, de vontades enérgicas, projetando uma nacionalidade forte, capaz de subsistir por si própria e não pela expansão territorial, diferenciando-se assim de posturas militaristas agressivas. A educação do escotismo visava o "robustecimento do espírito e o desenvolvimento, no âmago de seu coração, de sentimentos que o tornam digno e admirado pelos seus semelhantes (...). É por meio dele que, aos poucos, se vai tomando uma raça forte e viril, no concernente à educação física. Forte e viril, pela educação intelectual, fortalecendo o espírito para poder resistir à aridez do estudo", escreveu Luiz Galhanone na revista *O Escoteiro*.

Nas décadas de 1920 e 1930, o tema da formação e consolidação de um Estado Nacional no Brasil era intensamente debatido por intelectuais e partidos políticos, que consideravam haver "fraqueza" nas instituições políticas e certo lapso de civismo na população. Em 1927, na I Conferência Nacional de Educação,<sup>19</sup> o escotismo era discutido como promotor da unidade nacional, visto como um complemento à instrução escolar, que tinha por fim "estabelecer o equilíbrio da mocidade por meio de uma pedagogia nova". Certos setores das novas tendências pedagógicas, como por exemplo o movimento da "Escola Nova", também consideraram o escotismo um moderno instrumento de civismo. Aliando a prática de virtudes cívico-morais — boas ações, sentimento de honra, otimismo e cortesia —, educação física e esportiva racional, e com o fim de despertar o amor à natureza, a nova pedagogia era completada por uma educação da observação, da iniciativa, da habilidade manual, por meio de provas necessárias para a passagem das diversas classes.

O escotismo também era visto como atividade "escolar" principalmente para os períodos de férias, quando colônias

<sup>18</sup>

<sup>19</sup> COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denílson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (org.). *I Conferência Nacional de Educação (1927, Curitiba)*.

eram organizadas reunindo vários grupos com o apoio da estrutura de ensino local. Nesse contexto, a formação de lideranças para o movimento escoteiro era uma preocupação nas diretorias de ensino, resultando em cursos de especialização em escotismo, como aquele criado em 1937 em São Paulo, que incluía em seu programa princípios de psicologia social e individual, com estudos sobre liderança, hierarquia, conflitos e estágios de desenvolvimento da criança.<sup>20</sup> Já em 1934 havia sido criada a Associação Escolar de Escoteiros do Estado de São Paulo, que apresentava em sua hierarquia, ao lado do Director de Ensino, o Superintendente do Escotismo Escolar, responsável pelos técnicos especializados distribuídos entre as diversas regiões da capital e do interior.<sup>21</sup>

Dessa forma, o escotismo passa a ser instrumentalizado como pedagogia e método de organização e desenvolvimento para crianças e jovens no interior da estrutura do Estado. Essa instrumentalização ressaltava as virtudes do escotismo como escola de valores e ideais cívicos que foram adequados tanto nas estruturas políticas dos anos 20 como depois, após a Revolução de 30 e o Estado Novo, que tornou o escotismo um ideal cívico de mobilização da “nação brasileira” e constituição de um Estado corporativo “forte”. Para que este processo se realizasse,

o escotismo incorporou elementos de teorias psicológicas correntes que se configuraram como uma “psicologia escoteira” específica, mas não original.

Do ponto de vista de uma história da psicologia, esta pesquisa supõe que não se trata apenas de privilegiar processos de autonomização da disciplina, sendo também fundamental focalizar o trânsito de categorias, buscando localizar sistemas de pensamento que não se constituem apenas apropriação de idéias a partir de outras disciplinas, mas também apontar clivagens pelas quais estas idéias passam até serem apropriadas pela prática social de movimentos de classe média, com profundas repercussões em instituições controladas pelo Estado, como é o caso do escotismo nas escolas.

Este artigo tem como pressuposto que, ao lado da análise do caminho das idéias em instituições “asilares” ou acadêmicas, deve-se percebê-las também materializadas em movimentos com largo alcance social, procurando delinear padrões característicos de um determinado período ou setor social em particular.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Cf. Programa do Curso de especialização em escotismo.

<sup>21</sup> Cf. *Decretos, Actos, Comunicados, Estatutos e Regulamentos*. Superintendência da Associação Escolar de Escoteiros do Estado de São Paulo, São Paulo, 1934.

<sup>22</sup> DANZIGER. Generative metaphor and the history of psychological discourse.

A sobreposição simultânea de elementos e teorias entre várias vertentes da psicologia, da política e do escotismo e seus precursores, torna difícil a tarefa de definir uma gênese da ideologia escoteira. Mais profícuo parece ser o caminho de mapear as influências e estabelecer suas conexões e, principalmente, estudar seu impacto social e o alcance destas idéias no sistema escolar, em gerações de membros e chefes do escotismo e na relação entre o Estado e a utilização de teorias e movimentos como os aqui referidos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denílson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (org.). *I Conferência Nacional de Educação (1927, Curitiba)*. Brasília: INEP, 1997.
- DANZIGER, K. Generative metaphor and the history of psychological discourse. In: LEARY, D. (ed). *Metaphors in the history of psychology*. Cambridge, CUP, 1994.
- DANZIGER, K. *Naming the mind. How psychology found its language*. London: Sage, 1997.
- Decretos, Actos, Comunicados, Estatutos e Regulamentos*. Superintendência da Associação Escolar de Escoteiros do Estado de São Paulo. São Paulo, 1934.
- DIRETORIA GERAL de Instrução Pública. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Fábio de Sá Barreto, Secretário do Interior, pelo Diretor Geral de Instrução Pública, 1927-1928*. São Paulo, 1929.
- DORIA, Sampaio A. C. *Princípios de Pedagogia. Ensaio*. São Paulo: Póca-Weiss, 1914.
- Índice Básico da Legislação do Ensino Paulista 1890-1945*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, SJRP, 1964.
- MACLEOD, David. *Building character in the american boy. The Boy Scouts, YMCA, and their forerunners, 1870-1920*. London: University of Wisconsin Press, 1983.
- MORAES, Evaristo de. *Criminalidade da infância e da adolescência*. São Paulo, Francisco Alves, 1927. [Neste trabalho foi utilizada a segunda edição]
- Programa do Curso de especialização em escotismo. São Paulo, Associação Escolar de Escoteiros, Directoria de Ensino, 1937.
- ROSENTHAL, Michael. *The character factory. Baden Powell and the origins of the Boy Scout movement*. New York: Pantheon, 1986.

SCHWARTZMAN, Simon et al. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 1984.

ZUQUIM, J. *Infância e crime na história da psicologia no Brasil: um estudo de categorias psicológicas na construção histórica da infância criminalizada na Primeira República*. São Paulo: Instituto de Psicologia / USP, 2001.